

ARCHIMÍNIA BARRETO: MULHER, NEGRA, PROTESTANTE, INTELLECTUAL¹

Pedro Henrique Guimarães Teixeira Alves²

Resumo

O artigo expõe como Archimínia Barreto, uma intelectual baiana, negra e de origem simples se tornou um dos maiores destaques intelectuais dos protestantes brasileiros, mais especificamente dos batistas, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Além disso, exploramos as possibilidades de intelectuais que não eram enquadrados nos estereótipos das lideranças protestantes no período, a saber homens, brancos, estadunidenses, pastores e residentes principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, ingressarem em jornais confessionais como colunistas e, inclusive, participarem das tomadas de decisão de tais denominações religiosas, tal qual aconteceu com a personagem principal deste artigo, Archimínia Barreto.

Palavras-chave: História. Religião. Imprensa. Intelectuais. Protestantismo.

Recebido em 18 de janeiro de 2018 e aprovado para publicação em 26 de maio de 2018

¹ A grafia das fontes primárias deste trabalho foi adaptada a nova orientação ortográfica sem prejuízos ou modificações na construção dos textos nem no sentido original dos excertos. O nome de “O Jornal Batista” seguiu a mesma regra, sendo adaptado para “O Jornal Batista”.

² Mestrando em História, Política e Bens Culturais no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV. Bacharel em Ciências Sociais e licenciado em História pelo CPDOC-FGV. Correio eletrônico: pedhenriquealves@gmail.com.

A imprensa e o protestantismo foram fenômenos que se influenciaram mutuamente na história. Assim como as principais religiões monoteístas, o cristianismo protestante também é uma religião do livro³. Lutero e Calvino, como exemplo dos “patriarcas” da tradição protestante, cada qual em um estilo de produção literária, sendo o alemão mais dedicado aos folhetos, teses e obras curtas e o francês mais ligado à produção de grandes teologias sistemáticas e comentários bíblicos, foram entusiastas e oriundos de uma cultura letrada, de divulgação de ideias através do texto escrito.

Outras vertentes mais populares da Reforma também utilizaram a imprensa, como os anabatistas, grupos de reformados germânico caracterizados como pioneiros na utilização das escrituras na língua vernácula. As origens intelectuais da Reforma Protestante estão profundamente ligadas a produção bibliográfica⁴. Jean Delumeau, a título de ilustração, registra que, entre 1475 e 1517, anos precedentes a reforma luterana, já haviam dezesseis versões da *Vulgata*, a versão latina do texto bíblico, em Paris e cento e cinquenta e seis edições latinas de textos sacros⁵.

Se recortarmos um pouco mais a história do protestantismo à sua chegada na América Latina e, mais especificamente, ao Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, podemos concordar com a proposição de Israel Belo de Azevedo quando afirma que “a história da editoração evangélica se confunde com a história do próprio protestantismo brasileiro”⁶. As primeiras estratégias de inserção protestante no Brasil foram todas substancialmente baseadas na divulgação de publicações; tanto a difusão da Bíblia quanto de escritos próprios. Da mesma forma, o proselitismo e a pregação batistas em solo brasileiro se baseou na divulgação de escritos de vários formatos, principalmente jornais, folhetos e livros.

De repente, o título deste trabalho choque, pois, os adjetivos atribuídos à personagem principal não costumam ser intercambiáveis no discurso tradicional da historiografia e da teologia. “Mulher”, “negra” e “protestante”, somados, não são categorias normalmente atribuídas ao conceito de “intelectual”. Entretanto, o presente trabalho pretende discutir, em cunho biográfico, a atuação de uma das principais intelectuais e escritoras batistas brasileiras, Archimínia Barreto, entre as décadas de 1890 e 1930, período mais rico da produção da autora. Além disso, será analisado o papel de Archimínia Barreto como uma intelectual feminina, baiana, negra e oriunda do catolicismo em uma rede de

³ LEONEL, João. História da leitura e do protestantismo brasileiro. Introdução. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie e Paulinas Editora, 2010, p. 15.

⁴ Cf. MCGRATH, Alister. As Escrituras, tradição, texto e tradição. In: MCGRATH, Alister. Origens Intelectuais da Reforma. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 123-150.

⁵ DELUMEAU, Jean. Nascimento e afirmação da reforma. São Paulo: Pioneira, 1989, p.76.

⁶ AZEVEDO, Israel Belo de. A celebração do indivíduo – a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba: Ed. Unimep; São Paulo: Êxodus, 1996, p.154.

escritores batistas brasileiros composta predominantemente por homens, dentre os quais muitos eram estadunidenses, residentes no sudeste do Brasil e com cargos na estrutura eclesiástica batista, sendo principalmente pastores.

Archimínia de Meirelles Barreto nasceu em 12 de julho de 1845, em Inhambupe, interior da Bahia. Era filha do padre Fernando Pinto Meirelles Barreto e de Leopoldina Theodolina de Castro. Além dela, o casal teve outros cinco filhos, inclusive Belarmínio Barreto, famoso jornalista e polemista na cena pública baiana e “contemporâneo de Ruy [Barbosa]”⁷. Segundo Ebenézer Cavalcanti, Archimínia fora educada muito rigorosamente por seu pai, de forma que dominava o latim e o francês. Foi diplomada aos 30 anos para o magistério público. Ainda segundo o autor, Archimínia foi a primeira professora pública da Bahia.



Figura 1. D. Archimínia Barreto, por ocasião de sua formatura, em 1875. Fonte: Barreto (1971)

Nesse tempo, o último quartel do século XIX, Martyn Lyons afirma que novos grupos de leitores foram sendo integrados ao público editorial na Europa, principalmente as mulheres, os operários e as crianças. Influenciado pela expansão artística e literária do Iluminismo e impulsionado pelo aumento das taxas e alfabetização, tais grupos, antes alijados da grande circulação editorial de jornais, revistas e livros, passaram a ser um público alvo de publicações e, posteriormente, se tornaram produtores de material escrito. No caso das mulheres, o historiador salienta a atuação das *femme de lettres* no século XIX na medida em que “o século XIX testemunhou o crescimento de uma vigorosa indústria de

⁷ CAVALCANTI, Ebenézer. Biografia da autora. In: BARRETO, Archimínia. Mitologia Dupla: ou religião católica e sua máscara. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1971, p.17.

revistas para mulheres e o surgimento de um fenômeno relativamente novo: o da mulher com pretensões literárias”⁸.

Segundo Lyons, as mulheres compuseram um grande mercado de consumo de romances e folhetins. Percebendo tal incremento, outros tipos de gêneros literários foram sendo produzidos para esse público, como os livros de cozinha e as revistas ilustradas de moda e costumes. A literatura novelística ainda era o destaque da editoração feminina, especialmente porque “o romance do século XIX era, pois, associado com as (supostas) características femininas de irracionalidade e vulnerabilidade emocional”⁹. É possível perceber que embora a literatura ainda fosse um instrumento de diminuição feminina e de diferenciação entre homens e mulheres, visto que os homens liam as seções dos jornais ligadas a política, economia e ao esporte e as mulheres liam as novelas e as seções de entretenimento, a leitura foi um importante mecanismo de sociabilidade feminina e de emancipação via educação.

Até então o contexto sócio-religioso, também na Europa, mas sobretudo na América Latina, emperrava as tendências emancipadoras das mulheres em relação a educação. O predomínio do catolicismo em tais culturas imprimia sobre a educação feminina um caráter doméstico e voltado a instrução dos filhos e ao bem-estar do lar. Entretanto, com a constante e mais acirrada secularização da sociedade a partir de meados do século XIX e com a imigração de europeus de outros credos religiosos e ideologias a América Latina, outras formas de se enxergar a sociedade e a família foram sendo introduzidas na região. Leslie Bethell demonstra tais mudanças afirmando que “as elites, em transformação, produziam os católicos que abandonavam a fé no século XIX, os que abraçavam o livre pensamento, a maçonaria e o positivismo, embora em muitas destas famílias era comum que a esposa fosse piedosa e o marido, agnóstico”¹⁰.

Bethell reitera que, para os católicos, o protestantismo seria um agente de secularização da sociedade¹¹, pois, apesar de ter padrões morais muito rigorosos, os princípios da separação entre igreja e Estado e do sacerdócio universal dos crentes, ou seja, da capacidade de todos os cristãos de se relacionarem com Deus igualmente sem a necessidade de um clérigo, poderiam ser perniciosos a uma sociedade constituída sob as bases do clericalismo estatal. Por esses motivos, iniciados ainda nas celeumas religiosas europeias do século XVI, o protestantismo foi recebido nas Américas pelos católicos com

⁸ LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo (orgs). História da Leitura no mundo Ocidental. Vol.2. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 168.

⁹ Ibid., p. 172.

¹⁰ BETHELL, Leslie (Ed.). Historia de América Latina: América Latina: cultura y sociedad, 1830-1930. Barcelona: Editorial Crítica, 1991, p. 84 (tradução nossa).

¹¹ Ibid., p. 91.

muitas restrições. No Brasil, por exemplo, os protestantes sofreram sérias restrições quanto ao registro civil dos nascidos, quanto a oficialização do casamento não realizado em igrejas católicas, quanto a educação formal e a própria realização dos cultos e das cerimônias. É importante lembrar que o artigo 5º da Constituição do Império de 1824 deliberava que “a religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”¹².

Devido a essas relações conturbadas e complexas entre cristãos católicos e cristãos protestantes desde os princípios de seus contatos no Brasil, a estratégia dos protestantes era de evangelizar no país e pregar aos nativos, em sua maioria católicos. Isso quer dizer que o proselitismo protestante no Brasil tinha o objetivo de atingir aos católicos e convertê-los. A vinda de comunidades, pastores, igrejas e missionários ao Brasil não era uma proposta de trabalho complementar a igreja católica, mas de confronto.

Nesse sentido, a figura de Alexander Travis Hawthorne é paradigmática para os batistas. Hawthorne foi general confederado na Guerra de Secessão. Era batista convicto e líder denominacional. Ao fim da guerra, Hawthorne visitou o Brasil e passou a ser embaixador da instalação de uma missão batista no Brasil na Convenção Geral dos Batistas do Sul dos Estados Unidos, que a quase vinte anos não enviava missionários ao país. O motivo da escolha por não enquadrar o Brasil em uma das regiões mais carentes de trabalho batista pela denominação era a visão de que essa já era uma nação cristianizada, embora por católicos. O general, que foi muito influente nos trabalhos seguintes dos batistas no Brasil, defendeu que o país não era uma região cristianizada, mas pagã, pois o catolicismo a muito tempo já havia se afastado das raízes cristãs. Tal discurso, proferido em 1880, foi o motor do envio do primeiro casal missionário batista no Brasil, William Buck Bagby e Anne Luther Bagby, chegados ao Rio de Janeiro em 2 de março do ano seguinte.

A primeira igreja batista fundada por esses missionários no Brasil – mas não a primeira igreja batista do Brasil¹³ foi inaugurada em 1882, em Salvador. A escolha do local foi feita por esta cidade ser considerada “a capital eclesiástica do país, sendo a sé do arcebispo e a cidade mais fanática e todo o Império”¹⁴. A partir desse marco, o estado da Bahia se tornou central para os batistas brasileiros. A Primeira Igreja Batista da Bahia era como todas as outras fundadas a partir dela: pastoreada por um pastor, homem, mas com

¹² BRASIL. Constituição (1824). Constituição Política do Império do Brazil. Rio de Janeiro, 1824.

¹³ Cf. YAMABUCHI, Alberto Kenji. O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: Uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960 - 1980. 2009. 387 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

¹⁴ CRABTREE, A. R. História dos Batistas no Brasil: até o ano de 1906. Vol. I. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962, p. 74.

muita presença feminina e com atuação de mulheres restritas a algumas atividades. Nos primórdios do protestantismo no Brasil, a adesão às igrejas foi muito mais comum entre as mulheres, pois nas igrejas evangélicas as mulheres poderiam encontrar um espaço de relacionamento, acolhimento e crescimento intelectual. Além disso, as mulheres que eram analfabetas poderiam ser ensinadas por outras mulheres a ler e escrever para terem acesso sem intermediários às escrituras¹⁵.

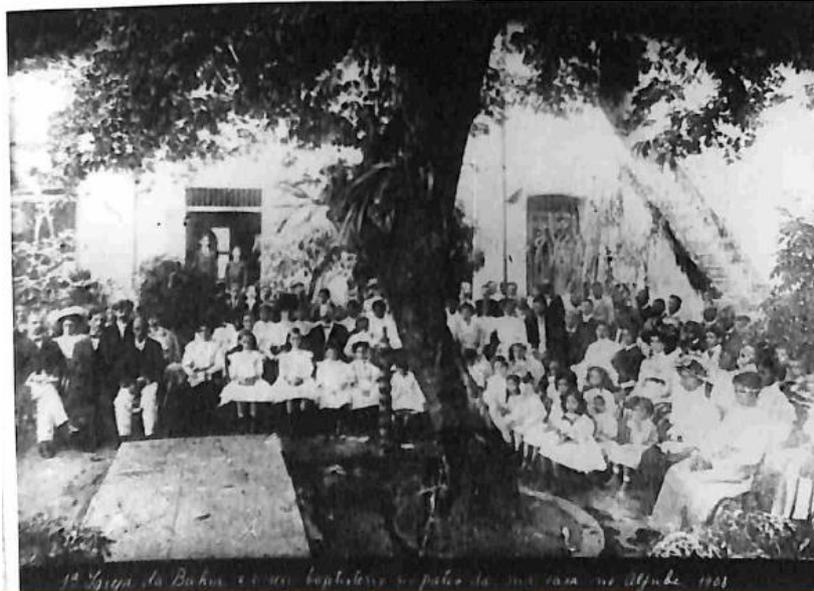


Figura 2. 1ª Igreja da Bahia e seus novos batizados na parte de trás da casa da rua Aljube, 1908. Nesse período, Archimínia já era um nome muito importante da denominação batista. Infelizmente não é possível reconhecer se a escritora está presente na foto. Fonte: Arquivo Betty Antunes de Oliveira.

Embora esse ambiente eclesiástico fosse reconfortante às mulheres, não lhes era permitido se manifestar publicamente, exceto em ambientes exclusivos à presença feminina. O cerceamento da voz a mulher não era uma exclusividade batista, mas uma reprodução dos padrões sociais em que a igreja batista no Brasil estava inserida e também às suas origens na cultura americana, a qual também compartilhava de formas de restrição dessa natureza.

Entretanto, a participação feminina era essencial para o crescimento das igrejas. Seria uma sandice imobilizar a maioria esmagadora de uma comunidade a impedindo completamente de cooperar. Nesse sentido, Elizete da Silva mostra como as mulheres comumente poderiam atuar nos serviços religiosos nas igrejas batistas do período.

As mulheres podiam ser eficientes e capacitadas missionárias; no entanto, não podiam receber a ordenação nem ministrar a ceia e o batismo, considerados, pelos batistas, como ordenanças do Novo Testamento. Poderiam até pregar e ensinar a Bíblia, mas não do púlpito: a tribuna sagrada era privativa do sexo

¹⁵ ALMEIDA, Rute Salviano. Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 181.

masculino. O sacerdócio universal dos cristãos, tão caro às feministas protestantes do século XIX, para os batistas, limitava-se à vocação de mulheres leigas para o serviço evangelístico, da música ou mesmo do ensino às crianças ou às suas companheiras. Jamais incluiu uma visão mais ampla abrangendo o ministério pastoral. Isso porque a pregação e a administração das ordenanças (bens sagrados) constituíam-se como um fulcro de poder religioso, e o clero batista, formado exclusivamente por homens, recusava-se a partilhar fraternalmente com as mulheres.¹⁶

Como afirma a historiadora, as mulheres tinham um espaço muito específico que sem elas não poderia ser ocupado, pois eram a maioria nas igrejas. No entanto, os cargos dirigentes e ministeriais eram todos ocupados por homens. Essa não era uma regra doutrinária, firmada nos preceitos oficiais das igrejas batistas, mas uma regra disciplinar compartilhada por todos. Nesse contexto, a personagem principal deste artigo está inserida.

Archimínia Barreto e uma de suas irmãs, Jacquelina, se converteram ao cristianismo protestante lendo folhetos evangelísticos entregues por protestantes enquanto a primeira era diretora de uma escola pública no sertão baiano. Segundo A. R. Crabtree¹⁷, pastor, doutor em teologia e professor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, e contemporâneo de Archimínia, as duas irmãs, ao voltarem do interior a Salvador, logo se uniram a Primeira Igreja Batista da Bahia. Archimínia e Jacquelina professaram a fé em 5 de fevereiro de 1893, sendo registradas na PIB Bahia, rua Aljube nº 32, como *S.S.* (senhoras donas), ou seja, casadas. Foram batizadas no mesmo dia por Zacarias Clay Taylor, fundador e pastor titular da igreja. Archimínia tinha 48 anos e era casada com Joaquim Euthychio de Oliveira, tendo com ele duas filhas: Eunice e Evangelina. Foi abandonada por seu marido e vários dos seus parentes devido a sua nova fé, morando com Jacquelina dessa data em diante. Além disso, por estar inserida em um contexto altamente católico, Archimínia passou a ser transferida de escola em escola e virou objeto de lendas e perseguições.

Por ser filha de um padre que estimava muito o conhecimento e por ter um grande interesse pela literatura, Archimínia passou a se dedicar intensamente à biblioteca de seu pai. Um dos livros que mais lhe chamara atenção na biblioteca de seu pai era a obra *O Celibato Clerical*¹⁸, de Dr. José Manoel da Veiga¹⁹, famoso em Portugal e no Brasil por discutir a questão do casamento e castidade dos ministros católicos.

¹⁶ SILVA, Elizete da. Cidadãos de Outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. São Paulo: 1995, pg. 313.

¹⁷ CRABTREE, op. cit. p. 166.

¹⁸ VEIGA, José Manoel da. O Celibato Clerical: memória que serviu de fundamento a uma das theses dos actos grandes de seu author o Dr. José Manoel da Veiga, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da Conceição, oppositor ás cadeiras de direito na Universidade de Coimbra e advogado na côrte, fallecido a 25 de setembro de 1859. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1864

¹⁹ Fernando Catroga resume a importância do livro nos debates sobre o celibato dos ministros católicos afirmando que “num estilo dialético, Veiga anatematizava o celibato – relembre-se que a primeira edição

O início de Archimínia Barreto na escrita pública se deu como articulista convidada do jornal *A Nova Vida*²⁰, com o intuito de refutar as doutrinas católicas, expor os “erros e egoísmos de padres” e reforçar, como os protestantes definem seu credo, as “doutrinas da graça”. Archimínia se sentia à vontade para discursar contra o catolicismo e seus ministros por ser filha de um pároco. Muito embora fosse vergonhoso em diversos casos, a escritora “jamais ocultaria ou disfarçaria a filiação”²¹, se apresentando, inclusive, como “filha legítima de um vigário da Igreja Romana”²².

A partir desse jornal, Archimínia teve uma significativa projeção no jornalismo regional e grande projeção entre os batistas em todo o país. A fama da escritora “com a presença e com a pena fácil e, por vezes, causticante”²³ a abriu mais espaço como colunista em outros periódicos, tal qual *O Jornal Batista*, que se tornou o jornal oficial da denominação a partir de sua fundação, em 1901, e o jornal *A Mensagem, Bahia*, a partir de 1905, que não era um jornal confessional.

Embora o jornalismo tenha sido sua fonte de renda e de prestígio mais perene, a obra principal de Archimínia Barreto foi o livro *Mitologia Dupla: ou a religião católica e sua máscara*, publicado em 1899. O livro se trata de um trabalho apologético, intenção pela qual a autora foi muito conhecida, sob a hermenêutica protestante, a respeito da forma como enxergava o desenvolvimento das tradições católicas em relação aos santos, as festas, cerimônias e superstições espelhadas na história, divindades e rituais da Roma pagã. Archimínia desejava provar através de exemplos contados, histórias, mitos e doutrinas como os católicos transformaram a sua tradição em uma cópia da tradição e da cultura romana prévia ao cristianismo. Para provar que a religião católica diz respeito a uma “mitologia dupla” modificada da Roma pagã, Archimínia dispõe um trabalho de pesquisa e comparação das duas tradições de muito fôlego para as condições que tinha.

da obra saiu em 1822 -, escudando-se no próprio texto bíblico e na história da Igreja, para concluir, na linha de Filangieri, que o celibato somente se tinha iniciado no século IV e universalizado em Gregório VII. E, em vez de ter sido um fator de moralização dos costumes, a experiência mostrava-o ‘contrário ao direito natural’ e ilegítimo, injusto e prejudicial não só ao Estado, mas até a própria Igreja, pois’ enquanto não houve lei do celibato, os costumes eclesiásticos eram puros e irreprensíveis’ e ‘desde a primeira época da sua instituição’ só teria gerado ‘clérigos concubinários, adúlteros e devassos’”. CATROGA, Fernando. O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911). *Revista Análise Social*, v. 24, 1988, pg. 221.

²⁰ Jornal batista que durou de 1890 a 1900. Eram oito páginas, maiores do que as d’ *O Jornal Batista*. Era ardentemente evangelístico. Tinha pequenos artigos sobre as doutrinas do evangelho e histórias de viagens bem escritas. Crabtree afirma que “*A Mitologia Dupla* foi publicada pela primeira vez como série de artigos neste jornal pela escritora talhada, Profa. Archimínia Barreto. [...] Cartas, notícias, variedades e outras discussões contribuiram para apresentar um jornal interessante, evangelístico, doutrinário, instrutivo e poderoso”. CRABTREE, op. cit. p.165.

²¹ CAVALCANTI, Ebenézer. Biografia da autora. In: BARRETO, Archimínia. *Mitologia Dupla: ou religião católica e sua máscara*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1971, p.18.

²² BARRETO, Archimínia. Dedicatória. *Mitologia Dupla: ou religião católica e sua máscara*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1971, p.9.

²³ *Ibid.*, p. 21.

Para ilustrar melhor como a autora organizava o texto para poder refutar as divindades e tradições romana e católica, lançaremos mão de um exemplo elencado por Archimínia de comparação entre uma prática romana pagã e uma católica moderna:

CATINENSES. Era assim chamada Ceres, na cidade de Catina, na Sicília. Ali, nesse seu templo, não era permitida a entrada de homens.

A RECLUSÃO DAS FREIRAS tem, naturalmente, a sua origem na lembrança da particularidade do templo de Catinenses.

A Igreja de Roma tem os conventos como verdadeiras prisões: neles encerram as freiras, não sendo permitida a entrada de homens, sejam pais, irmãos ou avós das pobres enclausuradas.

Tão bárbara é esta igreja que, a pretexto de virtude, estraga muitas senhoras, que podiam ser boas mães de família. Muitas entram nesses conventos *sponte sua*, e outrora os pais tinham filhas rebeldes metiam-nas em tais conventos para castigar, e lá sofriam horrores.

Nosso Senhor Jesus Cristo pregou todas as verdades e enviou os seus a pregarem o evangelho. Nunca, porém, ordenou que se fizessem edifícios em forma de cadeias para a conservação da virgindade, porque a cadeia pode forçar o corpo, mas a santidade do espírito o conserva puro em qualquer parte. A não ser assim, não haveria virgens entre as famílias.

Virginal também era um templo de Palas, onde não se permitia entrar senão às donzelas e no qual só podia ser sacrificado o animal do sexo feminino.

Não resta dúvida que a igreja intitulada Católica Romana aboliu as Escrituras, para seguir a mitologia!!²⁴

Podemos perceber que o desejo de Archimínia era desacreditar as práticas e divindades católicas em função da dualidade cristão/pagão, a qual se tornou uma estratégia retórica de se vindicar ortodoxia e ortopraxia em praticamente toda história do cristianismo. A escritora, ao comentar o caso da reclusão de religiosas católicas, se vale do caso das catinenses pagãs e as associa ao movimento monástico característico do catolicismo medieval em diante em uma tentativa de chegar na frase mais dura do verbete, que alega que a igreja católica “aboliu as Escrituras”.

O livro todo segue esse padrão de apologética, utilizando versículos bíblicos, algumas citações de hermeneutas cristãos, como Inácio de Loyola, e inúmeras tradições católicas para associar catolicismo e paganismo. O fato que mais surpreende, o qual também pode ser uma pista sobre o propósito do livro, é que não há nenhuma referência bibliográfica de livro, obra ou produção escrita, a não ser a própria Bíblia. Supomos que tamanho conhecimento em relação aos dogmas, santos e festejos católicos provavelmente não eram conhecidos apenas da experiência da autora como professante dessa fé. Quanto mais em relação a religião romana pagã, da qual Archimínia nunca fez parte. Certamente a autora se valeu de muitos livros, provavelmente uma boa parte retirados da biblioteca de seu pai, como discutido anteriormente, para escrever a obra.

No que se refere a ausência de indicações bibliográficas, temos duas hipóteses não excludentes. A primeira se dá em relação a como o livro foi montado. Archimínia fazia

²⁴ BARRETO, op. cit. p.155.

exposições de verbetes sobre a similaridade, no seu ponto de vista, entre o catolicismo e o paganismo nos jornais que escrevia. Essa era uma de suas agendas de publicação. *Mitologia Dupla* surgiu de um aprofundamento de tais colunas que a escritora publicava nos jornais sugerido por Zacarias Clay Taylor, pastor que a batizou e que a orientou a “escrever um trabalho mais amplo nesse sentido”²⁵. Isso quer dizer que o trabalho não dispôs de muitas notas e indicações bibliográficas pois foi uma adaptação e um estudo mais minucioso de colunas de jornais. A segunda hipótese tem a ver com o objetivo do livro, que se tratava de uma obra de apologia de um cristianismo autêntico, aos olhos da autora, que carecia de ser depurado das influências pagãs. Não era uma obra científica, mas um ensaio sobre sua forma de enxergar a igreja, as escrituras e o próprio Deus. Por não ter uma preocupação comprobatória nos termos científicos, mas preocupação informativa e retórica, muito voltada as classes médias e baixas, Archimínia provavelmente não se atentou em justificar o texto bibliograficamente.

A edição que usamos de *Mitologia Dupla* possui 253 páginas e mais um índice remissivo ao final. Ademais, o livro é dividido em cinco partes. A primeira, intitulada “Divindades da Roma Antiga e da Moderna” é um grande compêndio de deuses romanos em comparação, por seus atributos ou por que tipo de poder ou graça são responsáveis, com os santos católicos. A escritora elenca cerca de setenta divindades de cada religião para associar o catolicismo ao paganismo romano.

A segunda parte do livro diz respeito aos rituais que as duas religiões dispunham para dispensar graça aos fiéis. Archimínia usa as “Invocações e Cerimônias”, título do capítulo, para justificar que não somente os seres divinos são os mesmos, mas também as formas de se chegar a eles nas duas religiões. A parte central do livro, chamada “Festas”, trata dos festejos e dos encontros sociais que ambas as religiões compartilhavam, na visão da autora. Já na quarta parte, a autora discute as superstições que a religião católica herdou dos romanos pré-cristãos em seu ponto de vista. A última seção do livro é nomeada “Maria versus Maozim” e tem o objetivo de refutar a adoração à Maria, mãe de Jesus, como uma divindade. Archimínia usa a imagem de Maozim, deus mitológico romano inserido nos templos cristãos a partir da conversão do imperador romano Constantino, para fazer uma síntese histórica do cristianismo, principalmente da história dos reis, imperadores e papas cristãos, que mostrasse que Maria foi assumindo todos os atributos do próprio Deus na tradição católica simplesmente por ser considerada por essa vertente como a “Mãe de Deus”.

²⁵ BARRETO, op. cit. p.10.

O livro foi publicado em 1899, seis anos após a conversão da autora, e ao que consta se tornou um livro bem conhecido não só entre os batistas, mas entre diversas denominações protestantes no período. O jornal *O Puritano*, ligado a Igreja Presbiteriana do Brasil, redigido por Álvaro Reis²⁶, conhecido pastor e polemista presbiteriano do Rio de Janeiro, lista *Mitologia Dupla* entre as publicações disponíveis para venda na redação do jornal, entre 1918 e 1919. Podemos tratar essa ocorrência como uma pista de que o livro tinha boa aceitação entre os protestantes que não eram batistas, já que Álvaro Reis era um reverendo presbiteriano. Os evangélicos geralmente não eram um grupo coeso e unido, de forma que conter uma publicação de outra denominação entre as obras indicadas de uma igreja poderia significar de alguma forma que o livro escrito por Archimínia representava o pensamento e a leitura média de grupos diferente sobre um mesmo assunto.

Podemos encontrar mais um anúncio sobre *Mitologia Dupla* em outro jornal. No entanto, o periódico que iremos apresentar não se trata de um jornal confessional. Em 3 de dezembro de 1920, na seção *Religião*, o jornal *O Paiz*, um diário de grande circulação do Rio de Janeiro, fundado em 1884 por João José Reis, o conde de São Salvador de Matozinhos, e depois chefiado por nomes como Ruy Barbosa e Quintino Bocaiúva, anuncia que “a Casa Publicadora Batista tem editado opúsculos de propaganda, para distribuição gratuita, dos melhores autores. Entre eles, figuram a “Mitologia Dupla”, de Archimínia Barreto; “Axiomas da Religião”, do Dr. E. Z. Mullins; “Breve História Batista”, de Henrique Vedder, e “Fé e Coração”, de Victor Coelho, além de pequenos folhetos, muito oportunos”²⁷.

O livro de Archimínia teve uma permeabilidade muito grande entre os batistas e os evangélicos em geral, fazendo-a um nome conhecido nesses círculos. Essa obra a lançou como a principal intelectual mulher dos batistas no Brasil e uma das expoentes femininas dos evangélicos brasileiros. Por ser uma das principais apologistas protestantes do período, Archimínia passou a ser confrontada e desafiada por diversos intelectuais e jornalistas nas páginas dos periódicos. Elizete da Silva resume um caso em que Archimínia foi solicitada a representar os batistas em um debate com católicos.

²⁶ Tiago Silveira da Silva afirma que “Álvaro Reis não perdia uma oportunidade de confrontar a Igreja Católica Romana em suas doutrinas. Tinha um interesse apologético, enfrentando com rigor as opiniões contrárias. Pela imprensa, os embates que iam sendo acompanhados com interesse pelos fiéis católicos e espíritas por um lado e os protestantes do outro. Ele expunha a doutrina na visão protestante e dava oportunidade ao rival para a réplica e respondia em seguida e, assim, os dois iam se alternando defendendo os seus pontos de vista. Ao final Álvaro Reis publicava em livro a coletânea dos seus artigos indicando somente a afirmação principal do oponente que dera motivo à resposta.”. SILVA, Tiago Silveira da. Álvaro Reis e o projeto de missões urbanas pelo esforço leigo na cidade do Rio de Janeiro. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Centro de Educação, Filosofia e Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014, p. 32.

²⁷ Jornal *O Paiz*. Religião. Rio de Janeiro: 3 de dezembro de 1920.

Quando os batistas brasileiros precisaram de uma polemista à altura da Professora Amélia Rodrigues, que defendia as doutrinas católicas nas páginas do Mensageiro da Fé, órgão noticioso católico que circulava em Salvador, foi a também professora Arquimínia Barreto a escolhida para replicar a argumentação de sua colega católica, o que fez com extraordinário brilhantismo nas páginas da Mensagem, periódico batista que circulava na Bahia, e no Jornal Batista de tiragem nacional. Lastimável que Arquimínia e Amélia Rodrigues tenham gasto tantas energias em defesa da fé que professavam e em nenhum momento tivessem descoberto os laços que as uniam, enquanto mulheres. Eram duas inteligentes professoras em campos opostos e a serviço de cleros misóginos, guiadas por cabeças masculinas [...] A Professora Arquimínia, embora negra, estaria mais próxima dos valores da elite embranquecida e que demandava virtudes cristãs.²⁸

Era preciso uma mulher dentre o círculo batista que pudesse defender os princípios denominacionais frente aos ataques de mulheres de outros credos. Não seria de boa imagem que um pastor ou qualquer outro líder homem respondesse as acusações de uma intelectual mulher, pois essa ação poderia aparentar que as mulheres batistas não eram preparadas suficientemente ou pouco educadas frente as mulheres de outra fé. Nesse sentido, a figura de Archimínia Barreto foi central para a manutenção de uma boa imagem dos batistas por parte dos líderes denominacionais do período.

Entretanto, Archimínia não enfrentou apenas mulheres em seus debates. Um dos acontecimentos mais emblemáticos de respostas a Archimínia foi uma coluna dedicada a ela no jornal *A Lanterna*, em 1913. O periódico foi fundado em São Paulo, em 1901, por Benjamin Mota, com o objetivo de criticar e combater o clericalismo, as ordens religiosas e suas conexões com o poder público. Edgar Leuerenroth, famoso militante anarquista do período, foi seu editor entre 1909 e 1917, alçando o periódico a posição de um dos principais porta-vozes anarquistas do país. A coluna dedicada a intelectual baiana foi intitulada “Vomitaduras Batistas”²⁹ e era assinada por José Martins³⁰. O escritor afirma que não desejava se indispor com Archimínia pois ela tinha “flagelado constantemente os ‘papistas e os espíritas’”, se referendo aos católicos, defensores do papa, e os kardecistas. Entretanto, Martins Fontes discordava de uma argumentação de Archimínia, em um artigo em *O Jornal Batista*, de 20 de março do mesmo ano, sob título “O Temor de Deus”, de que a

²⁸ SILVA, Elizete da. As mulheres protestantes: educação e sociabilidades. Revista Brasileira de História das Religiões. Ano VII, n. 21, 2015, p.186.

²⁹ Jornal A Lanterna: folha anticlerical de Combate (SP) (01/03/1913) – ano XII – n 189, pág. 3

³⁰ José Martins Fontes (1884-1937) foi um médico sanitarista e escritor brasileiro. Como médico, trabalhou com Oswaldo Cruz em campanhas de profilaxia urbana contra epidemias e se doutorou defendendo uma tese de muito sucesso chamada “Da Imitação em Síntese”, em 1908. Martins Fontes também foi um dos mais profícuos poetas de seu tempo e amigo íntimo de grandes escritores, como Olavo Bilac e Coelho Neto. Sobre as relações entre esses intelectuais e literatos, Tereza Ventura afirma que “havia salões literários mais sérios, que agregavam escritores consagrados como Olavo Bilac, José Veríssimo, Alberto de Oliveira, Graça Aranha, Martins Fontes, Emílio de Menezes, Humberto de Campos, nos quais registrava-se a presença assídua de José de Oiticica. Tais salões funcionavam como verdadeiras instituições de reconhecimento mútuos dos literatos (cf. Machado Neto, 1973). Ali os escritores recitavam e discutiam suas obras, como também estabeleciam-se cumplicidades na rivalidade com outros grupos”. VENTURA, Tereza. Nem barbárie nem civilização! São Paulo: Ed. Annablume, 2016, pág. 51.

descrença em um criador produzia pessoas “degeneradas”, as quais caminhavam “pela estrada da vida como um louco que perdeu a razão e o conhecimento da sua existência., tornando-se igual às bestas selvagens que não tem entendimento”.

A questão do artigo para Martins Fontes era desassociar a crença em Deus de um bom comportamento e boa moral. Ademais, o escritor argumenta que Lutero se aliou aos “tiranetes” da Alemanha para “ordenar o morticínio dos proletários”, tentando atacar uma referência a Archimínia e aos protestantes, acusando-lhe de ser imoral ou perverso. O escritor termina seu artigo pedindo provas históricas e não “duchas bíblicas” para ser refutado, afinal, diz que essas não as aceita. Infelizmente não pudemos ter acesso à resposta de Archimínia a José Martins Fontes pois o acervo digital de *O Jornal Batista*³¹, onde ela provavelmente respondeu, se é que isso aconteceu, estava em manutenção no período da pesquisa e redação deste trabalho. De qualquer forma, podemos perceber que os artigos de Archimínia Barreto alcançavam um público variado de leitores não apenas por que *O Jornal Batista* tinha uma circulação regular, mas também pelo talento e pela astúcia da escritora ao escrever.

A Ata da Convenção Batista Brasileira de 1914³², realizada na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, entre 24 e 28 de junho do mesmo ano, em seu Anexo 5, declara que “a tiragem atual [d’*O Jornal Batista*] é de 25.000 exemplares por mês e se todas as igrejas soubessem aproveitar este meio de propaganda em pouco tempo a edição subiria a 100.000”. *O Jornal Batista* era um semanário, portanto, se torna difícil comparar sua abrangência com outros jornais mais populares. Entretanto, para firmar um paralelo, segundo o site memória de *O Estado de S. Paulo*, um dos jornais mais expressivos do período, em 1912, o jornal imprimia 35.000 cópias diárias³³, de forma que, se parearmos as duas publicações, o número de impressões de *O Jornal Batista* ainda era modesto, embora significativo para um jornal confessional.

A participação de Archimínia Barreto n’*O Jornal Batista* a rendeu um status que nenhuma outra mulher evangélica do período alcançou. Archimínia era tratada como intelectualmente igual aos pastores, professores e líderes da denominação batista no período. Archimínia era uma mulher negra, de classe média baixa até sua conversão a fé batista, embora depois tenha passado privações financeiras por ser abandonada pela família e pelo marido, divorciada após abandono do marido e de uma região pauperizada do país, a Bahia. A despeito dessas condições adversas a alguém que desejasse ser aceito em um circuito de intelectuais na época, Archimínia alcançou respeito, seu espaço e a

³¹ http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=12. Acessado em 23/11/2017.

³² Ata da Convenção Batista Brasileira. Rio de Janeiro, 1914, p.5. Acessado em 21/11/2017.

³³ Retirado de: http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1910.shtm. Acessado em 23/11/2017.

consideração de seus pares intelectuais batistas, todos homens, brancos, moradores da região Sudeste do país e pastores.

Archimínia se tornou uma conselheira d'*O Jornal Batista*, além de manter suas colunas regulares sobre os mais diversos assuntos. A escritora foi lembrada nos agradecimentos da Convenção Batista de 1914, pois seus “escritos não só tem popularizado o nosso periódico, como também suas cartinhas de animação nos têm servido de estímulo e de inspiração, para a continuação na luta nesta gloriosa campanha”³⁴. Esse grupo de homens que lideravam as igrejas batistas mais importantes e a Convenção Batista Brasileira reconheceram Archimínia como uma escritora diferenciadas de todos. Na biografia da autora contida nas páginas introdutórias de *Mitologia Dupla*, são elencados os atributos usados pelos pastores que conviveram ou trabalharam com Archimínia para descrevê-la enquanto escritora. Exibiremos o excerto abaixo.

Archimínia escritora. Crabtree: “escritora talhada”; “escritora evangélica de prestígio naquele tempo” (História dos Batistas no Brasil, vol. I, 1937). Mesquita: “célebre escritora”; “um baluarte em todos os setores da inteligência” (ibid., vol. II, 1940); W.E. Entzminger: “os luminosos artigos desta professora jubilada” (1925). Natanael Fernandes Macedo, um dos netos, a quem devemos algumas informações menos conhecidas: “fulgurante e intrépida escritora batista, que no começo do século enriqueceu as letras evangélicas” (1967).³⁵

Archimínia alcançou tanto respeito que era comparada a um homem. *O Jornal Batista*, na edição que noticiou sua morte, publicou que “a venerada irmã D. Archimínia Barreto, professora aposentada do estado, tinha um caráter másculo e cristão”³⁶. Obviamente, aos olhos atuais, podemos perceber que uma cultura de desvalorização feminina no âmbito público, que pairava sobre a sociedade, influenciava a igreja, a qual também é uma instituição social. Entretanto, essa associação entre a imagem de Archimínia e a de um homem digno de toda a consideração por sua firmeza de caráter e doutrinária a levou a assumir um espaço muito importante em ambientes que a primazia sempre era masculina, como o púlpito de uma igreja. Archimínia assumiu as pregações da Igreja de Vila Nova por alguns meses, na ausência do pastor da comunidade³⁷.

³⁴ Ata da Convenção Batista Brasileira. Rio de Janeiro, 1914, p. 6. Acessado em 21/11/2017.

³⁵ BARRETO, op. cit. p.22.

³⁶ O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 20 de março de 1930.

³⁷ CRABTREE, op. cit., p. 166.



Figura 3. Archimínia Barreto. Data desconhecida. Arquivo Betty Antunes de Oliveira. Curitiba, Brasil.

Archimínia não foi reconhecida apenas por seus companheiros batistas ou evangélicos de outras denominações. Outras pessoas, publicações e instituições identificaram Archimínia como uma intelectual de tanto requinte em seus argumentos quanto em sua forma de escrita. A intelectual é exaltada no famoso Almanack Laemmert de 1910, o qual ressalta que

Entre as pessoas mais notáveis da igreja evangélica Baptista, temos que citar a exma. Sra. D. Archimínia Barreto professora jubilada, reputada escritora batista, autora da *Mitologia Dupla*, e o sr. rev. Salomão L. Ginsburg, emérito pregador e valente jornalista batista, sempre querido, secretário geral da União da Mocidade batista brasileiro³⁸.

De toda a denominação batista, os editores do almanaque ressaltaram a atuação de Archimínia como escritora e de Salomão Ginsburg, pastor, fundador d' *O Jornal Batista* e missionário plantador de muitas igrejas em pequenas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. Além do *Almanack*, a *Ilustração Brasileira*, revista ilustrada da empresa *O Malho S.A.*, a qual também publicava o famoso jornal homônimo, lançou, em 1923, uma edição comemorativa inteira sobre a Bahia, em função do centenário de independência do Estado. Archimínia foi citada na lista de baianos intelectuais que contribuíram para o avanço das mais diversas áreas de conhecimento, os quais, de acordo com a seleção da revista, eram “comprovados nos domínios da literatura, das ciências e da política, principalmente”.³⁹

³⁸ Almanack Laemmert: administrativo, mercantil e industrial. Coluna Igreja Evangélica Baptista. Rio de Janeiro: 1910, p. 50.

³⁹ Revista *Ilustração Brasileira*. Rio de Janeiro: Ano 4, nº 34, junho de 1923.

Neste trabalho, pudemos destacar a figura de Archimínia Barreto não somente como uma intelectual batista que superou a segregação feminina dos veículos de comunicação públicos, mas também como uma intelectual que, a despeito de muitas condições adversas, militou na cena pública por seus pressupostos confessionais e cativou um espaço significativo e único não só em um grupo de intelectuais religiosos composto por homens, brancos, líderes religiosos e muitos americanos, bem como em toda uma denominação religiosa. Archimínia foi uma mulher que se destacou com argumentos muito consistentes tanto pela capacidade de abstração de seu pensamento quanto porque “escrevia com a naturalidade inflamada com que o fogo deflagra”⁴⁰. Sua atividade intelectual demonstrou um “raciocínio rápido e lúcido. [Archimínia] empunhava a clava de viseira erguida, sem temor do adversário”⁴¹.

Embora fosse vista como uma intelectual astuta, preparada e com um estilo de escrita implacável aos seus adversários, Archimínia identificava sua obra como “o pequeno trabalho a ser apresentado ao público” e se enxergava como a “mais humilde e mais pequenina serva de nosso Senhor Jesus Cristo”. Ademais, um dos motivos para que o livro demorasse a ser publicado era por que a autora se intimidava com as críticas e respostas que provavelmente receberia. Archimínia justificou tal atraso afirmando que, “conhecendo a minha nulidade literária, jamais me atreveria a escrever para o público, pois sei que a crítica não perdoa as nossas faltas, embora elas sejam bem-intencionadas”⁴².

A apresentação da segunda edição de Mitologia dupla é feita por W.E. Entzminger, missionário batista americano pioneiro no Brasil. Entzminger era um dos líderes da denominação entre as décadas de 1900 e 1930 e um dos responsáveis por todas as publicações produzidas pelos batistas no país. No texto, o pastor faz uma reflexão sobre a memória de Archimínia que hoje, mais de noventa anos depois, podemos afirmar que não foi muito precisa entre os batistas. Assim disse o pastor:

Sem dúvida, quando ela desaparecer da vida presente, esta obra constituirá um monumento comemorativo da sua passagem entre nós mais duradouro do que o de granito, recomendando seu nome à posteridade batista brasileira, como a mais preclara escritora batista que até aqui tem aparecido nas nossas fileiras.⁴³

Archimínia Barreto faleceu aos 87 anos, em 20 de janeiro de 1930, no interior da Bahia. Seu nome não é muito conhecido nem muito citado entre os batistas, muito embora as ideias que defendeu tenham se popularizado tanto nas publicações subsequentes lançadas pelos batistas quanto na estrutura apologética batista frente a outros credos.

⁴⁰ Revista Bahia Ilustrada. Salvador: Ano 3, nº 19, junho de 1919, p. 11.

⁴¹ BARRETO, op. cit. p.9

⁴² Ibid, p.9.

⁴³ ENTZMINGER, W. E. Apresentação da 2ª edição (01/10/1925). In: BARRETO, Archimínia. Mitologia Dupla: ou religião católica e sua máscara. Dedicatória. 3ª ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1971, p. 7.

Israel Belo de Azevedo atribui a perda de fôlego da obra de Archimínia Barreto à emergência de Aníbal Pereira Reis, outro intelectual batista anticatólico, ex-padre e mais contemporâneo, a partir dos anos 1960, quando suas obras se tornaram sucessos editoriais⁴⁴. Azevedo também afirma que Aníbal Pereira Reis morreu no ostracismo e com a agenda vazia, diferentemente de quando foi descoberto pelo mercado editorial, principalmente pelo gradual enfraquecimento do anticatolicismo entre os protestantes. De qualquer forma, tanto pelo valor pessoal quanto simbólico de sua imagem, Archimínia Barreto, embora menos conhecida do que deveria, foi uma das vozes mais significativas da história do protestantismo brasileiro.

⁴⁴ AZEVEDO, op. cit. p. 87.